

TERRITÓRIOS REVITALIZADOS: SINERGIA E CAPITAL SOCIAL

REGIÃO E CAPITAL SOCIAL:

A REINVENÇÃO DO SERIDÓ POTIGUAR NOS FIOS SILENCIOSOS DA CULTURA

Profª Drª. Ione Rodrigues Diniz Moraes

UFRN/CERES, Departamento de História e Geografia

ionerdm@yahoo.com.br

Profª Drª. Eugênia Maria Dantas

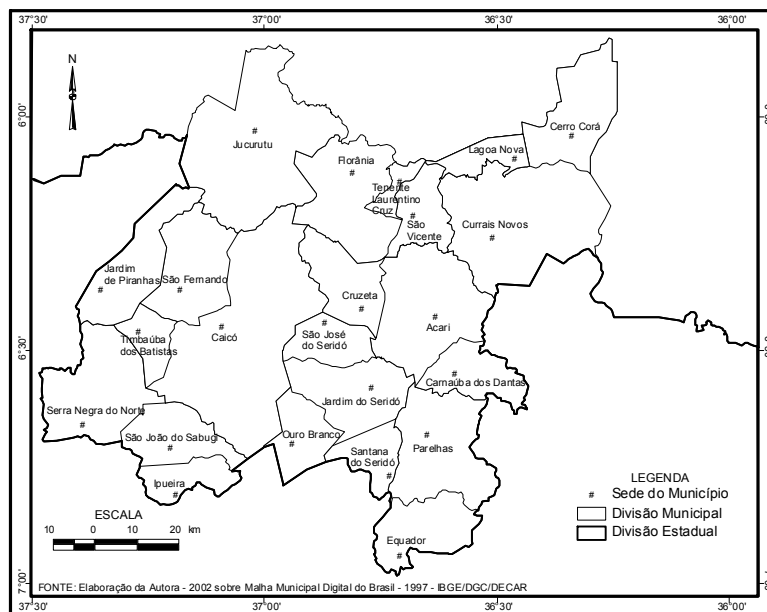
UFRN/CERES, Departamento de História e Geografia

eugeniadantas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Região do Seridó está encrava na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte. O seu território encontra-se recortado por 23 municípios, conforme pode ser visualizado no mapa 01.

MAPA 01 – Região do Seridó Potiguar



Com características climáticas peculiares – altas temperaturas, baixa umidade, elevada insolação, índices pluviométricos escassos e irregulares – torna-se

suscetível a estiagens cíclicas. Associada a este clima verifica-se a existência de uma cobertura vegetal hiperxerofita, do tipo caatinga, e de uma malha hidrográfica intermitente. Este quadro natural singular marca o Semi-árido seridoense.

A Região do Seridó Norte-rio-grandense, na primeira metade do século XX era o epicentro da economia e da política estadual, em decorrência da condição de ser o principal produtor de algodão mocó e de scheelita. O contexto em que a economia seridoense esteve baseada no tripé algodão-pecuária-mineração rendeu-lhe dividendos políticos, sendo a elite regional alçada ao ápice da estrutura de poder estadual, inclusive com alguns de seus representantes assumindo expressão em nível nacional.

A década de 1970 foi marcada pela derrocada da cotonicultura, cuja produção destinava-se, sobremaneira, à indústria têxtil paulista. Nos anos de 1980, a mineração, que atendia ao mercado externo, também declinou.

Na trajetória da crise, os seridoenses buscaram a reconstrução do território, redefinindo sua estrutura sócio-econômica de um perfil rural/agrário para urbano/terciário, fazendo uso de um conjunto de estratégias que envolve a produção cultural e simbólica regional. O processo de reestruturação implica “fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança”¹. Nestes termos, a reestruturação regional foi implementada entrelaçando os fios da tradição e da modernização, conectando dispositivos de preservação e reinvenção, rebuscando e ressignificando símbolos, práticas, discursos e vivências. Assim, a região se revitaliza por meio de estratégias viabilizadas pelo uso do capital social, que ressalta as manifestações identitárias, a solidariedade, a criatividade e a ressignificação de valores e práticas sócio-culturais.

Desse modo, infere-se que a noção de capital social é perpassada por valores, condutas, relações de interatividade entre as pessoas, cuja essência situa-se no plano cultural. “Es el ethos más que el logos – más los valores que el conocimiento – lo que configura una cultura”² e, nesta perspectiva, “la cultura cruza todas as dimensiones del capital social de una sociedad [...]”, de forma que as relações com o desenvolvimento “aparecem potenciadas al revalorizarse todos estos elementos

¹ SOJA, Edward. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica, p. 194.

² TOMASSINI, Luciano. Cultura y desarrollo. **Revista de la CEPAL**, p. 5.

silenciosos e invisibles, pero claramente operantes, involucrados en la idea de capital social”³.

A leitura da região a partir da noção de reestruturação e capital social adquire uma nova perspectiva, que exige do leitor a capacidade de reinterpretar e reconhecer o espaço em suas múltiplas feições. Partindo destes pressupostos, conceitua-se região como uma construção histórico-social, na tessitura da qual se entrelaçam a política, a economia e a cultura, enquanto instâncias conformadoras da sociedade e definidoras de sua organização espacial.

No contexto em que se procedeu a reinvenção do Seridó, após a crise de sua base produtiva, a sociedade teceu uma nova malha regional tramando os fios silenciosos da cultura, revalorizando o particular e o identitário como diferencial para descortinar novas trilhas. Bassand e Guindani (1983 apud COSTA, 1988, p. 23) advertem que “toda região cuja existência é ameaçada política e economicamente traz à tona a questão de sua identidade”⁴.

Reconhecendo a mesclagem de objetividade e subjetividade contida na construção identitária, não se pode negligenciar a força mobilizadora desse poder que é simbólico na configuração regional. Nela, os símbolos, definidos como “objetos, atos, conceitos ou formas lingüísticas que acumulam ambigualmente vários significados diferentes”⁵, constituem dispositivos capazes de evocar emoções e sentimentos entre os atores sociais.

Os dispositivos sociais empreendidos no sentido de resistir, de manter e de reinterpretar os antigos valores na contextura dos novos, transmutaram-se para os discursos e práticas regionais, conferindo identidade aos *seres*, às *coisas* e ao espaço. As estratégias sociais, ao se traduzirem em formas de resistência ratificaram a conformação do Seridó enquanto espaço portador de uma dada personalidade.

³ KLIKSBERG, Bernardo. Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo. **Revista de la CEPAL**, p. 90.

⁴ BASSAND, M; GUINDANI, S. Maldéveloppement regional et luttés identitaires, *Espaces et Sociétés*, n. 42. jan./jun., 1983, apud COSTA, Rogério Haesbaert da. **RS: latinfúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

⁵ COHEN, Abner. O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas, p. 38 apud PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**, p. 57.

2. SERIDÓ POTIGUAR: REVITALIZAÇÃO REGIONAL

A reestruturação do Seridó, em sua fase recente, foi marcada pelo recrudescimento das manifestações identitárias. Objetos, personagens, práticas, discursos e imagens da região, impregnados de identidade, conformaram matrizes simbólicas que fizeram da economia, da política e da cultura os cenários de resistência. Neste constructo, a sociedade seridoense reinventou-se no plano das vivências cotidianas em um contexto de urbanização terciária e de reavivamento do sentido de pertença.

2.1. Dimensão econômica

No processo de revitalização regional, é possível que os dispositivos culturais tenham adquirido maior visibilidade na economia, através da projeção da identidade seridoense nos *produtos da terra* como carne-de-sol, manteiga da terra ou do sertão, queijo de coalho, queijo de manteiga, bordados, entre outros. O diferencial qualitativo destes produtos se define nas entrelinhas de um *saber-fazer* que mescla arte, tradição e inovação, evidenciando que a carga histórica não foi consumida pelo tempo e nem pelas adversidades.

Na tessitura da reinvenção das relações mercantis seridoenses, a marca Seridó/Caicó se instituiu no mercado com grande potencial de credibilidade. Inclusive, se encontra em tramitação no Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI, o registro do selo de qualidade de nome “Marca Qualidade Seridó”, uma estratégia de patentear a produção regional e inseri-la nos atuais padrões exigidos pelo mercado.

Um outro exemplo que demonstra a força da marca Seridó/Caicó pode ser extraído do Picolé de Caicó, vendido em Natal, que a despeito da nomeação não é produzido na região. O sucesso dessa iniciativa empresarial já foi noticiado no encarte Painel de Negócios, do jornal Estado de São Paulo, no *status* de matéria principal, de acordo com nota escrita por Airton Bulhões (interino), na coluna Negócios e Finanças,

da Tribuna do Norte⁶. O êxito na experiência fez com que os detentores da marca, *filhos da terra*, expandissem seus negócios para diversas localidades.

A inventividade do seridoense, visando ampliar os horizontes de mercado para seus produtos e inserir-se nos roteiros turísticos, também se mostra na organização de eventos como o Festival do Pescado, realizado em Acari, o Festival da Carne de Sol e do Queijo do Seridó e a Feira de Negócios do Seridó, que ocorrem em Caicó, e o Festival de Inverno, de Cerro Corá. Esses eventos são viabilizados através de parceria entre instituições governamentais e da esfera privada.

A esfera econômica também é perpassada pela identidade regional no que se refere à nomeação de estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços diversos, destacando-se instituições médicas, de ensino e militar. De acordo com levantamento realizado, a Cidade de Caicó possui 33 estabelecimentos ou instituições⁷ designadas pelo substantivo Seridó e Currais Novos 17 unidades⁸. A designação de Seridó⁹ ainda foi notificada em unidades comerciais de Jardim de

⁶ BULHÕES, Airton. Picolé de Caicó é um sucesso. **Tribuna do Norte**: “A empresa vende hoje 60 mil picolés a cada 30 dias, e em dezembro e janeiro no pleno pique do verão chega a comercializar 200 mil picolés em Caicó, Natal e Souza (Paraíba), garantindo renda para 200 revendedores. Em Natal, o picolé caseiro de Caicó, oferece 23 sabores e cerca de 40% das vendas dos picolés são puxados pelos sabores de coco, ameixa e cajá. A fábrica fica no Alecrim e estoca 150 quilos de polpa de frutas para 15 dias. Um belo exemplo de sucesso empresarial”.

⁷ Estabelecimentos comerciais de Caicó (13): Seridó Motos, Distribuidora de Medicamentos Seridó, Drogeria Seridó, Distribuidora de Bebidas do Seridó, Loja e Armazém Seridó, Supermercado Seridó, Panificadora Seridó, Seridó Pneus, Açougue Seridó, Mercadinho Seridó, Distribuidora de Ferragens Seridó – P. Araújo, Forro de Gesso Seridó e Oi Seridó. Estabelecimentos ou instituições de prestação de serviço (17): Escritório de Contabilidade do Seridó, Unidade Cardiológica do Seridó, Fundação Hospitalar Dr. Carlindo Dantas/Hospital do Seridó, Clínica Seridoense – Neuro-psiquiatria, Centro de Patologia Clínica do Seridó, Cooperativa Odontológica do Seridó – Uniodonto, Colégio Diocesano Seridoense, Sociedade Educadora do Seridó Ltda., Centro de Ensino Superior do Seridó-UFRN, Seridó *on line*, Mecânica Seridó, Rádio “A Voz do Seridó”, Associação dos Municípios do Seridó, 1º Batalhão de Engenharia de Construção - Batalhão Seridó, Loja Maçônica Regeneração do Seridó, Cooperativa de Produção Artesanal do Seridó – COASE e Agência de Desenvolvimento do Seridó - ADESE. Unidades industriais (02): Comércio e Indústria de alimentos Seridó e A Cal Seridó.

⁸ Estabelecimentos comerciais de Currais Novos (08): Casa de Carne Seridó, Distribuidora Seridoense de Peças, Distribuidora de Massas Seridó, Distribuidora de Veículos do Seridó, Empresa de Melhoramentos do Seridó Ltda., Seridó Auto Peças Ltda., Seridó Celular Ltda. e Construtora Seridó Oriental. Instituições de prestação de serviço (07): Agência Reguladora de Comércio do Seridó, Associação dos Municípios da Microrregião do Seridó Ocidental (no caso, há um equívoco, pois deveria ser Seridó Oriental), Cooperativa de Energia e Desenvolvimento Rural do Seridó – CERSEL, Centro de Ensino Superior do Seridó-UFRN, Cooperativa Odontológica do Seridó – Uniodonto, Oficina Seridó e Auto-Escola Seridó. Unidades industriais (02): Fábrica de Mosaicos Seridó Indústria e Comércio Ltda. e Seridozão Indústria e Comércio.

⁹ Estabelecimentos comerciais: Jardim de Piranhas (Panificadora Seridó) e São José do Seridó (Supermercado Seridó). Instituições de serviços: Parelhas (Associação dos Ceramistas do Seridó – ACESE), Serra Negra do Norte (Estação Ecológica do Seridó, vinculada ao IBAMA) e São Vicente, Tenente Laurentino Cruz, Lagoa Nova e Cerro Corá possuem agências da Cooperativa de Crédito Rural do Seridó - CREDISERIDÓ. Unidades industriais: Equador (Caulise Caulim do Seridó) e Parelhas (Mineração Seridó S/A).

Piranhas e São José do Seridó, em instituições de serviços de Parelhas, Serra Negra do Norte, São Vicente, Tenente Laurentino Cruz, Lagoa Nova e Cerro Corá, e em indústrias de Equador e Parelhas. Ressalta-se que também em localidades fora da região encontram-se estabelecimentos que referenciam o seu nome, geralmente pertencentes a pessoas que descendem de famílias seridoenses.

Neste contexto, os fazeres econômicos recorreram a um dispositivo intangível do ponto de vista material, a identidade do ser a impregnar os produtos regionais.

2.2 Dimensão política

Nas entrelinhas das relações sociais que impulsionaram a reestruturação regional, também a instância política foi afetada. A explicitação deste fenômeno pode ser percebida através das manifestações identitárias que fluíram dos discursos e símbolos da representação política seridoense. Nesta, destacam-se Vivaldo Silvino da Costa e Manoel Torres de Araújo, como lideranças que melhor capitalizaram a construção de referentes a partir de símbolos sertanejos.

Designando-se um legítimo representante do Seridó, Vivaldo Costa, deputado estadual, adotou como símbolo um autêntico referente da região, o jerimum, curcubitácea da família do melão, cujo plantio ocorre nos roçados em época de chuvas ou nas várzeas dos açudes. Este fruto, que em outras regiões é chamado de abóbora ou moranga, “quando colhido maduro, pode ser guardado à sombra, sem cuidados especiais, por um longo período, dado o seu baixo grau de perecibilidade”¹⁰. Dadas as suas características, o jerimum se constitui um fruto resistente daqueles que garantem ao sertanejo a possibilidade de armazenamento para consumo nos períodos em que a escassez d’água dificulta a plantação e reduz o cardápio alimentar. O jerimum faz parte da culinária sertaneja, de modo que, o hábito de consumi-lo, cozido com água e sal, “rendeu aos potiguares o hilário apelido de papa-jerimum”¹¹.

¹⁰ MEDEIROS NETA, Rosa de Lima. **Caicó**: territórios e estratégias políticas, p. 44.

¹¹ MEDEIROS NETA, Rosa de Lima. **Caicó**: territórios e estratégias políticas, p. 43.

Reside nestes aspectos a transmutação da imagem do fruto à simbologia do político. O jerimum é resistente, como também é resistente o sertanejo que o consome. O fruto de longa durabilidade serve de alimento ao sertanejo que enfrenta altaneiro a adversidade da seca se tem o sustento garantido, numa espécie de simbiose entre o homem e a natureza. Este conteúdo simbólico foi associado à imagem de Vivaldo Costa enquanto um homem simples e resistente, identificado com a vida do campo, assim como são os sertanejos papa-jerimums.

Revestido desse estereótipo, Vivaldo Costa é politicamente reconhecido como o *Papa-jerimum*¹² e traduz esse clichê em formas concretas como o uso do chapéu de palha, o carro alegórico em que circula durante as campanhas eleitorais que tem o protótipo de um jerimum, assim como os abrigos de ônibus construídos no Município de Caicó quando foi Governador (1994).

Além do jerimum como ícone político, Vivaldo Costa rebusca sua ligação com o homem do campo através de um outro marco de suas estratégias de campanha: a Passeata do Agricultor. Esse evento, realizado na Cidade de Caicó por ocasião das eleições em que Vivaldo Costa foi candidato, reuniu moradores rurais e urbanos. Tendo a tradição como tema central, a Passeata do Agricultor encena um momento de revivescência de um passado rural que se teima em cultuar, em uma exacerbada ufanía. O próprio local de concentração dos participantes é carregado de simbolismo – o Parque de Vaquejada Polion Torres Júnior. Conforme a narrativa de Medeiros Neta (1999, p. 49) sobre a Passeata realizada em 1998,

[...] no Parque de Vaquejadas, muitas imagens retratavam um Seridó essencialmente rural, pois misturavam-se homens montados em cavalos e jumentos com carroças puxadas por burros, muitos portando instrumentos usados no campo para a lida com a terra, tais como foices, enxadas, facões, etc. todos confeccionados em papelão. As pessoas disputam jerimums, símbolo do grupo vivaldista, para carregarem durante o percurso da passeata num culto ao antigo, arcaico [...].

¹² Conforme informação de Tarcísio Silvino da Costa, a designação de *Papa-jerimum* para seu irmão Vivaldo Costa, emergiu nas eleições em que disputou uma vaga para Deputado Estadual e o número do registro de sua candidatura foi 1201. Vivaldo consultou Orilo Dantas, de Ouro Branco, sobre uma forma de fazer com que o eleitor gravasse esse número e então irrompeu a criação do poeta: “todo papa-jerimum vota em 1201”. A partir deste episódio, o mesmo promoveu, através de discursos e símbolos, a identidade *papa-jerimum*.

Em 2002, por ocasião de sua candidatura a Deputado Estadual, houve a 10ª edição da Passeata do Agricultor e no *Boletim Informativo Papa-jerimum*, publicado em comemoração aos seus 30 anos de vida pública, o convite à participação popular estava assim grafado: “[...] Junte-se a nós e participe da maior passeata política da cidade! Traga seu jumento, sua mula, seu boi, sua vaca [...]. Venha comemorar 30 anos de tradição ao lado de todos os Papa-jerimums”.

A simbologia materializada nos ícones resgatados pela Passeata, remexe e reacende elementos identitários da população, alicerçados no passado memorável da região agropecuarista. Mesmo encenando a narrativa de coisas imaginárias, tendo em vista a estrutura sócio-econômica urbana que passou a predominar na região, as pessoas manifestam orgulho e satisfação de desfilarem expondo os objetos que remetem ao tempo do Seridó rural. É como se a Passeata se transfigurasse em uma forma de resistência que se manifesta na preservação da memória objetivada nas *coisas* que simbolizavam aquele passado fausto.

Contudo, ao se relacionar os objetos e discursos presentes na Passeata, logo se vislumbra o paradoxo. Enquanto a população se engalfinha para desfilarem com jerimums, enxadas e cavalos, em um verdadeiro culto ao passado rural, os discursos dos políticos encerram promessas de progresso, de desenvolvimento para a região e, quase sempre, pouco ou nada têm a dizer ao homem rural.

Completando esta construção imagética, circula no imaginário popular que o Papa-jerimum, o lutador das causas que envolvem o homem do campo é também o médico que dedicou sua vida à pobreza, protege os desamparados e tem especial zelo pela *mãe pobre*, o protetor em quem se pode confiar. Na visão preponderante, principalmente entre os mais carentes, onde se encontra a base de seu eleitorado, ele é um líder político de expressão, um homem que dedicou seus mais de 30 anos de vida pública a trabalhar por Caicó e pelo Seridó. Ele é um legítimo representante da região.

Elaborada inicialmente em um contexto em que a região ostentava uma feição agrária, a imagem de Vivaldo Costa, resiste intocável, sendo realimentada a cada nova campanha. Diante disto, torna-se patente o poder da identidade na construção simbólica e sua eficácia enquanto estratégia política.

Na esteira dos políticos que construíram uma imagem impregnada do simbolismo referenciador da região encontra-se Manoel Torres. Diferente de Vivaldo Costa, cujo discurso se projeta em formas concretas, Manoel Torres tem sua imagem construída sob os pilares de valores, de crenças, da forma de ser do sertanejo, portanto, constituída de um conteúdo simbólico abstrato/subjetivo, não materializado em formas espaciais. Os valores que norteiam suas vivências acham-se representados em pronunciamentos como este em que deixa transparecer sua lisura:

Eu tenho orgulho de não ter minhas mãos manchadas pelo sangue de adversários nem pelo zinabre do dinheiro público. Por essas mãos já passaram muito dinheiro, mas, eu sou um homem pobre, [na estratificação local] de classe média alta¹³.

Respaldado por experiências empresarias bem sucedidas, Manoel Torres alia competência, seriedade e sabedoria a uma visão empreendedora, de trabalho, fundamentos de suas práticas políticas. Esta filosofia perpassa suas próprias palavras: “[...] eu não gosto de comprar votos. Isso aí é conhecido porque eu acho que [...] ao invés de você dar o peixe, você dê o anzol para o pedinte ir pescar”¹⁴.

A edificação do nome Manoel Torres se estruturou em torno de sua identidade como *homem de fibra*, sendo sinônimo de honestidade, sinceridade, lealdade e coerência. Estes adjetivos o distinguem como um homem público que faz parte de *uma espécie em extinção*, por corporificar a imagem do político comprometido com a coletividade, do administrador austero, do homem de palavra.

Numa correlação entre personagem e símbolo, *de fibra* era o algodão mocó produzido na região e que por ser portador desse diferencial qualitativo era valorizado no mercado e reconhecido como o de melhor qualidade. *De fibra* também são identificados regionalmente todos aqueles que têm sua vida pautada na retidão de princípios morais.

¹³ ARAÚJO, Manoel Torres de. Caicó, 15 mar 1999. Entrevista concedida a Ione Rodrigues Diniz Morais e Rosa de Lima Medeiros Neta.

¹⁴ ARAÚJO, Manoel Torres de. Caicó, 15 mar 1999. Entrevista concedida a Ione Rodrigues Diniz Morais e Rosa de Lima Medeiros Neta.

O protótipo do discurso anunciado em torno da imagem de Manoel Torres ressoa positivamente no tecido social da região porque exalta diferenciais qualitativos que são estimados pela sociedade, assim como eram valorizados os atributos do algodão mocó. Mas não é um dizer desprovido de referencial; é um discurso cuja base de sustentação tem sido sua própria vida. Um dos aspectos que singularizam a figura de Manoel Torres no contexto sócio-político é que os seus atributos são reconhecidos por liderados e adversários e mesmo que sua construção imagética não assuma uma forma espacial, ela encontra-se consolidada no imaginário coletivo regional.

Em sua trajetória de vida, Manoel Torres foi usineiro¹⁵, fazendeiro e empresário do ramo automobilístico. Porém, é na imagem de um político íntegro que repousa sua identidade. A solidez dessa arquitetura simbólica que se mantém incólume em mais de 50 anos de vida pública encontra correspondência nos referentes imateriais em que se apóia, a forma de ser sertaneja, cuja essência ainda resiste, a despeito das transformações sociais internas e externas a região.

Ao contrário de Vivaldo Costa, cuja imagem está associada a um perfil paternalístico e ao universo rural, Manoel Torres “é tipificado na figura do empresário, legítimo representante da ‘modernidade’”¹⁶. Considerando que ambos se configuraram adversários políticos a partir da década de 1970, condição mantida até hoje, tem-se nas imagens estereotipadas de cada um a representação do momento vivido pela região, marcado pela transição do *modus vivendi* de rural para urbano, numa espécie de colisão entre o velho e o novo na sociedade regional.

2.3 Dimensão cultural

A revitalização regional também se projeta por meio de manifestações que envolvem a música, a culinária, o artesanato, as festas e celebrações religiosas¹⁷, dentre uma multiplicidade de exemplos que poderiam ser relacionados.

¹⁵ Acionista da Algodoeira Seridó Comércio e Indústria SA. - ALSECOSA, maior algodoeira de Caicó.

¹⁶ MEDEIROS NETA, Rosa de Lima. **Caicó**: territórios e estratégias políticas, p. 45.

¹⁷ Conforme informações coletadas, são as seguintes as festas de padroeiro dos municípios do Seridó: Janeiro: Festa de São Sebastião (20/01), em Parelhas, Jucurutu e Florânia; Março: Festa de São José (19/03), em Carnaúba dos

Na pretensão de evidenciar como a sociedade fortaleceu sua identidade utilizando-se de dispositivos buscados no acervo do seu patrimônio cultural, entre os gêneros musicais, decidiu-se focalizar a cantoria de viola pela sua representatividade no universo sertanejo e, em especial, no Seridó.

Embora as apresentações de violeiros tenham se reduzido ao longo do tempo, no Seridó, ainda é possível encontrá-los animando festas familiares nas fazendas e sítios, participando de encontros de profissionais do gênero, cantando em inaugurações, congressos e eventos similares realizados nas cidades.

Um dos veículos que mais tem contribuído para a preservação dessa manifestação cultural na região tem sido a Emissora de Educação Rural de Caicó – AM, que apresenta um programa diário dedicado à cantoria intitulado *Violeiros do Seridó*. Este é o único programa que se mantém no ar desde a fundação da Emissora, em 1963. Assim como o *Violeiros do Seridó* resiste, a despeito das necessidades de inovação na programação da Emissora, também se conservam à frente do programa, desde o seu início, os cantadores Francisco Fernandes da Mota e Cícero Manoel do Nascimento. Um sinal de que a cantoria de viola terá sobrevida longa na região pode ser observado a partir da formação de duplas mirins que, em Caicó, têm sido alvo de divulgação em eventos sociais e em programas de rádio e televisão.

O programa *Violeiros do Seridó* se constitui uma referência regional, tanto pelo seu conteúdo cultural, como por ter impresso em seu nome a identidade espacial. Mais que isso, representa uma manifestação da resistência regional, visto que, não obstante a difusão de novos gêneros musicais e as inovações nas telecomunicações, a audiência do programa é um sinal da vivacidade da cantoria como traço da cultura seridoense. Resistindo às dificuldades e conquistando o público ouvinte da cidade e do

Dantas; Junho: Festa de São João (24/06), em Cerro Corá e São João do Sabugi; Festa de Sant'Anna (26/06), em Santana do Seridó; Julho: Festa de Sant' Anna, em Caicó (último domingo/07) e Currais Novos (26/07); Agosto: Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (11/08), em Ipueira, e Festa de Nossa Senhora da Guia (15/08), em Acari; Setembro: Festa de Nossa Senhora do Ó (13/09), em Serra Negra do Norte, Festa de Nossa Senhora dos Aflitos (15/09), em Jardim de Piranhas, Festa de São Vicente Férrer (28/09), em São Vicente e Festa de São José (28/09), em São José do Seridó; Outubro: Festa de São Francisco de Assis (04/10), em Lagoa Nova e Tenente Laurentino Cruz, Festa do Divino Espírito Santo (06/10), em Ouro Branco, e Festa de Nossa Senhora dos Remédios (20/10), em Cruzeta; Novembro: Festa de São Sebastião (24/11), em Equador; Dezembro: Festa de Nossa Senhora do Patrocínio (03/12), em São Fernando, Festa de Nossa Senhora da Conceição (08/12), em Jardim do Seridó, e Festa de São Severino Mártir (22/12), em Timbaúba dos Batistas. Vale ressaltar que em vários municípios ocorrem manifestações festivas e religiosas, dedicada aos co-padroeiros e aos oragos das paróquias dos bairros das cidades.

campo, compreendido entre diferentes faixas etárias e níveis de instrução, a cantoria resguarda seu lugar ao sol, despertando o encantamento pela poesia¹⁸.

No esteio das manifestações culturais que atuam na construção e/ou revigoração da identidade situam-se as festas populares entendidas como rituais, que consistem em “momentos especiais de convivência social”, marcados “pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos”¹⁹.

Não desconhecendo a riqueza e a multiplicidade de abordagens contidas no tema Festa, este trabalho tenciona apresentar sucintamente um enfoque que privilegie a Festa de Sant’Anna de Caicó como uma manifestação cultural perpassada pelo sentido e pelos símbolos da identidade seridoense. Pretende-se desvendar os atributos desta festa, que se traduzem em uma estratégia para o fortalecimento da identidade e em uma forma de resistência da sociedade.

A resposta a esta questão encontra-se nos labirintos da história e remonta aos alicerces da formação regional, empreendimento realizado pela colonização portuguesa, que deixou para a cultura seridoense, dentre outros legados, o da religiosidade. As vivências e manifestações de fé na região sobrevivem às mudanças espaço-temporais e se instituem como um dos traços da identidade seridoense²⁰.

A Festa de Sant’Anna de Caicó ocorre durante 10 dias, que são definidos no calendário, considerando a inclusão do dia 26 de julho – Dia de Sant’Anna – neste período festivo. Por ter se tornado um evento grandioso, sua estrutura está sendo ampliada ano a ano na perspectiva de melhor atender aos participantes. Embora a tônica da festa sejam as celebrações religiosas, também são marcantes os eventos profanos.

O seu ritual se inicia um mês antes dos 10 dias principais, com a peregrinação da imagem de Sant’Anna pelas fazendas e sítios de Caicó; ocasião em que são celebradas novenas e realizados leilões e forrós para arrecadar recursos para a paróquia. Na quarta-feira que antecede o início dos festejos, todas as imagens

¹⁸ ARAÚJO, Evane Pereira de. et al. **Viroleiros do Seridó**: uma representação cultural, p. 3.

¹⁹ DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**, p. 40; 60.

²⁰ MACEDO, Muirakytan Kennedy de. **Regionalismo e cultura na Região do Seridó**: análise e algumas proposições, p. 1: “[...] a partir de determinadas recorrências discursivas que se configuram culturalmente no Seridó, detectamos alguns traços distintivos da feição regionalista. [...]. Os componentes dessa rede de significações, a nosso ver, estão ancorados em basicamente quatro dimensões: religiosa, política, sócio-econômica e educacional”. As mesmas não se apresentam hierarquizadas, nem tampouco estanques e fechadas em esferas incomunicáveis.

peregrinas se encontram no centro da cidade e de lá seguem em procissão até a Matriz de Sant'Anna, o que é chamado Procissão do Encontro.

Na quinta-feira ocorre a abertura solene da festa, cuja ritualização consta de uma procissão pelas principais ruas do centro da cidade e, no retorno à Catedral, procede-se ao hasteamento da bandeira da paróquia, seguido por orações, foguetórios e banda de música. Logo após, no oitão da Matriz, é servido o Jantar de Sant'Anna; um momento de reencontro de familiares e amigos; uma oportunidade para conhecer visitantes. O Jantar de Sant'Anna, uma inovação na tradicional trajetória de 256 anos de festa, suscita várias interpretações. Conhecendo-se o valor atribuído pelas famílias da região aos momentos de refeição quando, na medida do possível, os seus membros se reúnem em torno da mesa, pode-se inferir que o referido jantar representa este momento familiar. A casa materna, a Matriz, é aberta aos filhos que se reencontram à mesa para a refeição. Neste misto de ritual tradicional/moderno, o paradoxal se revela pelo sentido bíblico de que *todos são filhos de Deus* e, sendo assim, todos teriam direito de sentar à mesa, entretanto, somente as pessoas que adquirem a senha têm acesso ao jantar e ao espaço em que é servido.

Nos dias seguintes, ao amanhecer, a banda de música presenteia os moradores das ruas próximas à Matriz com a Alvorada. À noite é realizado o novenário, sempre sucedido por foguetórios e apresentações artísticas nas praças públicas. Nesse ínterim, as principais ruas que conformam o Complexo Histórico-Cultural da cidade, envolvendo as Praças de Sant'Anna, da Liberdade e do Rosário, já estão totalmente ocupadas por barracas que vendem bebidas, salgados e outros produtos.

Na quarta-feira que antecede o final da Festa, ocorre a abertura da Feira de Artes Manuais do Seridó – FAMUSE, tendo como local de realização o Largo da Igreja do Rosário. Nesta feira é exposta a riqueza do artesanato regional em bordados, redes, pinturas, peças de cerâmica, confecções e produtos da culinária.

Na quinta-feira, a partir das nove horas, inicia-se um dos eventos mais concorridos da festa – a Feirinha de Sant'Anna. Instituições governamentais, clubes de serviços e famílias se responsabilizam por comercializar determinada iguaria da culinária regional, com o objetivo de contribuir financeiramente com a paróquia. O cardápio é amplamente variado, podendo-se degustar desde queijo fresco a aloá

(bebida feita com milho ou abacaxi fermentado), passando por paçoca, feijão verde, arroz de leite, fritada, buchada, panelada, churrasquinho, galinha caipira, feijoada, docinhos, tortas, salgados, filhós com mel, e outros.

Comidas, bebidas e música acompanham toda a parte profana da festa referendando a concepção de Damatta (1983, p. 60) de que esta corresponde a “momentos extraordinários, marcados pela alegria”. O número de pessoas transitando pela cidade se multiplica consideravelmente neste período, lotando hotéis e pousadas e ocupando residências de familiares e amigos.

Durante esses dias, os clubes da cidade promovem festas dançantes com a presença de bandas dos mais variados estilos. O Baile dos Coroas, realizado no Clube Corinthians, na sexta-feira, tornou-se um marco no cenário social do estado. Neste baile, o mais elitizado, a classe política estadual e regional tem presença assegurada. No sábado é a vez do late Clube de Caicó assinalar presença no calendário festivo com a realização de duas grandes festas, simultaneamente. Na sede social do Clube é realizado o Baile do Reencontro, destinado a casais, e na sede do balneário ocorre uma festa para a juventude.

No domingo, às 10 horas, a Missa Solene parece prenunciar o encerramento da festa, cujo ápice transcorre, à tarde, com a procissão em que as imagens de São Joaquim e Sant’Anna desfilam pela cidade. Esta procissão, que reúne milhares de pessoas, advindas dos mais distantes e diferentes lugares, culmina com uma celebração em frente à Matriz que demarca o término do período festivo. Sant’Anna é recolhida aos seus aposentos, os devotos retornam às suas casas com a fé e a esperança realimentadas; o espírito familiar fortalecido; os vínculos de identidade revitalizados.

A Festa de Sant’Anna tem um rico acervo simbólico. Sua vivência é pura subjetivação. A preparação dos rituais festivos abrange o espírito e o corpo de quem dela participa, além do espaço citadino onde se realiza. Assim como se recuperam e se pintam as fachadas e interiores das casas, varrem-se as ruas e podam-se as árvores preparando o espaço para a festa, também limpa-se o espírito e adquire-se novas indumentárias para o corpo no sinal de renovação. “Preparar-se para a festa já é uma

festa em si [...]. A Festa de Sant'Anna é uma expressão do gozo da fé: espírito e corpo participam da comunhão entre irmãos e Deus"²¹.

Em todos os ritos que compõem a festa detecta-se manifestações da identidade regional, expressas de diferentes formas. Tomando como referência primeira e de mais forte teor identitário a figura de Sant'Anna, tem-se a representação do sentido maior da festa: a celebração da fé. A devoção a Sant'Anna se instituiu no Seridó desde os primórdios de sua ocupação e nestes mais de três séculos de história vem se mostrando transcendente e perene. A fortaleza desse símbolo que é Sant'Anna foi revigorada, nestes últimos decênios em que a região, ainda sob os impactos das crises econômicas, foi assolada por sucessivos e freqüentes anos de seca. Nas entrelinhas da configuração desse quadro de dificuldades, a religiosidade do seridoense se exacerbou, tendo em vista sua indubitável fé e esperança nos desígnios de Deus.

Na Festa de Caicó, a invocação da identidade regional em torno do simbolismo de Sant'Anna transparece sobremaneira no discurso do Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, vigário da paróquia desde 1960. Exímio conhecedor da história regional, o Monsenhor Antenor, em suas participações nos eventos religiosos, incansavelmente evidencia através de relatos a presença de Sant'Anna na história e na vida do seridoense. Com expressão de segurança *sui generis*, exalta as qualidades da Avó de Jesus e, ao cantar os versos do Hino de Sant'Anna, a firmeza de sua voz parece querer traduzir a dimensão de sua fé e o desejo de chegar ao coração de cada um. O Monsenhor Antenor, ao encerrar as novenas, regozija-se com *a presença do povo de Deus na Matriz*, agradece aos *peregrinos de Sant'Anna vindos de todos os rincões*, enaltece o espírito hospitaleiro do seridoense/caicoense e deseja boa festa a todos os participantes, em um discurso entremeado por palmas e cânticos, revelações do júbilo sentido pela população. Expressões como *A Festa de Sant'Anna está um estrondo*, *A Festa de Sant'Anna é a maior do interior do Nordeste*, pronunciadas pelo Monsenhor Antenor, decerto já se inscreveram no enredo da história de Caicó, eternizando aquele que já representa um dos símbolos dessa festa.

Mas, a dimensão simbólica da Festa de Sant'Anna não está presente somente em seus eventos sagrados. Também o seu lado profano foi enriquecido deste

²¹ CAICÓ de Sant'Ana. O gozo da fé sem fronteiras, p. 3.

aspecto nos últimos decênios do século XX, ao ampliar as atividades acopladas ao ritual festivo. Nesse ínterim, destacam-se a FAMUSE e a Feirinha de Sant'Anna, que comercializam os produtos regionais. Esses eventos representaram iniciativas inovadoras, cuja matéria-prima foi buscada no patrimônio cultural objetivado nos chamados *produtos da terra*. Materialização das estratégias da sociedade na tentativa de subsistir, reinventando-se e criando cenários de resistência.

Assim, em meio ao espírito da festa e à vivência de todo o seu conteúdo místico, participar da Feirinha de Sant'Anna se traduz em uma outra forma de satisfação manifestada pelo degustar de comidas típicas, cujo paladar transcende o gosto em si para situar-se no prazer de saboreá-las naquele ambiente, compartilhado com familiares e amigos. Na feirinha, a dimensão identitária contida na culinária regional avulta-se, reafirmando o *saber-fazer* seridoense como um atributo valoroso que encontrou no espaço da festa o seu lugar de exposição/comercialização.

A efervescência cultural também se faz sentir na FAMUSE, uma espécie de mostruário do artesanato do Seridó. Nela não estão expostas somente mercadorias, mas produtos originalmente criados, peças trabalhadas na interface entre a técnica e a arte, reveladores do potencial inventivo e do perfil detalhista e primoroso do artesão seridoense. Mesclando passado, presente e futuro, são produtos perpassados de valores subjetivados pelos artífices, porque resultaram de ensinamentos passados de geração a geração, no seio familiar; são mercadorias nas quais depositam a esperança de angariar recursos para a sobrevivência individual e da família e promessas de um futuro melhor. O conjunto destas características faz os *produtos da terra* serem identificados como os de *melhor qualidade* e justificam o seu reconhecimento como patrimônio cultural.

3. ENTRE PEDRAS E ESPINHOS: A RESISTÊNCIA...

É das entranhas deste processo de revalorização dos elementos silenciosos e invisíveis do universo cultural que se insurge o Seridó, após a debacle. A sociedade, ao mesmo tempo em que se encontrou alijada do circuito da economia globalizada, não se consubstanciando um dos seus pólos de produção, aproveitou o reverso desse

processo – a revalorização do particular e do identitário – como diferencial para descortinar novas trilhas. Foi esse conteúdo simbólico/subjetivo que a sociedade converteu em argamassa da estrutura regional. O Seridó transformou o seu patrimônio cultural – objetos, símbolos, crenças e manifestações – em âncora do processo de reavivamento de sua identidade.

As mercadorias produzidas apresentam uma carga valorativa, derivada do amálgama entre o discurso e a imagem da região como epicentro de uma produção de qualidade. Na falta de capital financeiro para subsidiar a estrutura produtiva, recorreu-se a um dispositivo intangível do ponto de vista material, a identidade do ser a perpassar as coisas regionais.

No Seridó, o exercício da identidade regional, os processos de socialização, o fenômeno da associatividade, a solidariedade, a valorização da família e da educação presentes na noção de capital social, constituem elementos culturais que foram firmados e polidos ao longo do tempo, de modo a reluzirem no tecido social nos dias atuais.

Deriva da análise desses aspectos a concepção de que, nestes últimos decênios, o suporte da região foi o seu capital social, cuja potencialidade se funda no ethos social, na forma de ser e do saber-fazer seridoense. Por estar baseado nestes pressupostos, “[...] el capital social es la única forma de capital que no disminuye o se agota con su uso sino que, por el contrario, crece con él”²².

Esta assertiva contribui para a elucidação dos processos sócio-espaciais que estão em curso no Seridó utilizando a forma mais abundante de capital a circular na região, o capital social. Compreende-se, portanto, porque a sociedade, a despeito das crises, não perdeu o rumo, não ficou inerte. No dizer de Araújo (2000, p. 7)

se a natureza não dotou a região de abundância em água e terra fértil, a sociedade que aí se desenvolveu é constituída de pessoas que sempre valorizaram a educação, que têm iniciativa, que são solidárias entre si, que sabem se organizar para conquistar o que julgam importante, que não se deixam abater pelas adversidades. Um povo com uma cultura especial que sabe construir seus próprios caminhos, que sabe o que quer.

²² HIRSCHIMAN, A. O. Against parsimony, 1994, apud KLIKSBURG, Bernardo. Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo. **Revista de la CEPAL**, p. 89.

Dessa peculiar feição da sociedade seridoense é que brotam as matrizes simbólicas da resistência, definidoras dos cenários em que a identidade foi tema central das estratégias de reinvenção e inovação dos discursos e práticas regionais. Resistência que fez da economia, da política e da cultura os cenários de sua manifestação. Cenários em que o texto regional foi passado a limpo, suscitando uma reimpressão.

No Seridó, a (re)encenação da resistência se traduziu na espacialização de uma sociedade com forte teor identitário, na constância de uma base territorial impregnada de conteúdo e sentido, na permanência de uma cartografia regional historicamente delineada. O Seridó, enquanto região, demarca no território norte-rio-grandense um espaço com caráter particular que, pela sua capacidade de subsistir ao tempo, reinventando-se e ressignificando-se, configurou-se uma geografia da resistência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jefferson Fernandes. **O cult(iv)o das pedras pesadas**: um estudo do modelo extrativo-industrial da scheelita em Currais Novos. 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó** : o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia (1970-90). 2003. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

ARAÚJO, Evane Pereira de. et al. **Viroleiros do Seridó**: uma representação cultural. Caicó: [s.n.], 2003.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Seridó: uma região viável. **Revista Caicó em foco**, Caicó, ano I, n. 1, p. 6-7, jul. 2000.

BOLETIM informativo Papa-jerimum, [2002?].

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BULHÕES, Airton. Picolé de Caicó é um sucesso. **Tribuna do Norte**, Natal, 17 mar. 2004. Disponível em: <
<http://www.tribunadonorte.com.br/anteriores/010112/colunas/negocios.html> > Acesso em: 17 mar. 2004.

CAICÓ em revista. Natal: Clima/Artes Gráficas e Publicidades Ltda., 1976.

CAICÓ de Sant'Ana. O gozo da fé sem fronteiras. Caicó, ano 1, n. 1, jul. 2002.

CAMPOS, Natércia (org.). **Em alpendres d'Acauã**: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria. Natal: Fundação José Augusto/Imprensa Universitária, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955.

_____. **Nomes da terra**: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho/Fundação José Augusto, 2002.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CERSEL abrirá unidade de sucos. **Diário de Natal**, Natal, 26 fev. 2004. Economia.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **O maquinista de algodão e o capital comercial**. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1987.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **RS**: latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DANTAS, Eugênia Maria. Escritos de Caicó em vários tons. **Caicó de Sant'Ana**, Caicó, ano 1, n. 1, p. 14-15, jul. 2002.

DANTAS. Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Migração e crescimento urbano: o Seridó potiguar em análise. **Scripta Nova**, Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales., Barcelona, n. 94 (75), 1 de agosto de 2001. Disponível em: <
<http://www.ub.es/geocrit/sn-94.htm> > Acesso em: 19 ago.2001.

DANTAS, José Adelino. **Homens e fatos do Seridó Antigo**. Garanhuns: O Monitor, 1961.

DANTAS, Manoel. **Homens de outr'ora**. Natal: Nordeste Gráfica, 2001. Edição fac-similada.

DIOCESE de Caicó: meio século de fé. Natal: Indústria Gráfica União, 1990.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

_____. **Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1984.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine. **Caicó**. Natal, 1982.

GOMES, Paulo César da Costa. A região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-73.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 165-205.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

KLIKSBERG, Bernardo. Capital social y cultura, claves esenciales del desarrollo. **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, n. 69, dec. 1999. Disponível em: < www.eclac.cl > Acesso em: 7 mar 2003.

LAMARTINE, Juvenal. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 1999.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Solidão, solidões**: uma biografia de Dinarte Mariz. Brasília: Senado Federal, 2002.

LINDOSO, José Antonio Spinelli. **Da oligarquia Maranhão à política do Seridó**: O Rio Grande do Norte na Velha República. Natal: UFRN/CCHLA, 1992.

MACEDO, Hélder Alexandre Medeiros de. **A água, o espaço, o lugar**: um estudo de caso sobre o processo histórico de Carnaúba dos Dantas, Sertão do Seridó, Rio Grande do Norte (séculos XVIII-XX). Brasília : [s.n.], 2003.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó**: espaço e história no regionalismo seridoense. 1998. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas , Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

_____. **Regionalismo e cultura na Região do Seridó**: análise e algumas proposições. Caicó: [s.n], [199-].

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In.: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**, 1999.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

_____. **Velhos inventários do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983.

_____. **Índios do Açu e do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.

_____. **Caicó**, cem anos atrás. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1998.

MEDEIROS NETA, Rosa de Lima. **Caicó**: territórios e estratégias políticas. Caicó, 1999. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Regional no Espaço do Semi-Árido) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

MEDEIROS, Maria das Dores (org.). **Seridó antigo**: história e cotidiano. Natal : UFRN, 1997.

MONTEIRO, Eymard L'E. **Caicó**: subsídios para a história completa do município. Recife: Escola Salesiana de Artes Gráficas, 1945.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade** : Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília : Senado Federal, 1999.

_____. Igreja e educação : veredas de desenvolvimento – a cidade de Caicó em análise. In: III Congresso Luso-brasileiro, História da Educação, 2000, Coimbra/Portugal. **Livro de Resumos...** Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2000.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; BEAUGRAND, Eleonora Tinoco. Impactos das transformações rurais/urbanas e o novo perfil populacional: o caso do Seridó Norte-rio-

grandense. In: VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural “Sustentabilidade e Democratização das Sociedades Rurais na América Latina, 2002, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

_____. Plano de desenvolvimento sustentável do Seridó. In: VI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural “Sustentabilidade e Democratização das Sociedades Rurais na América Latina, 2002, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro : EDUERJ, 1999.

SERIDÓ: a região da fé e das tradições. **RN econômico**. Natal, p. 7-35, jun./jul. 1981.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993

TOMASSINI, Luciano. Cultura y desarrollo. **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, n. extraordinário, oct. 1998. Disponível em: < www.eclac.cl > Acesso em: 7 mar 2003.